

## MAPEAMENTO CARTOGRÁFICO DAS CIDADES-GÊMEAS ENTRE BRASIL E URUGUAY

BIANCA RAMIRES SOARES<sup>1</sup>; VANESSA FORNECK<sup>2</sup>; LAÍS BECKER FERREIRA<sup>3</sup>; FLÁVIO ALMANSA BAUMBACH<sup>4</sup>; VALENTINA MACHADO<sup>5</sup>; EDUARDO ROCHA<sup>6</sup>

<sup>1</sup>FAUrb/UFPeI – ramiresbianca@gmail.com

<sup>2</sup>FAUrb/UFPeI – vanessaf.ufpel@gmail.com

<sup>3</sup>FAUrb/UFPeI – laís.bfer@gmail.com

<sup>4</sup>PROGRAU/UFPeI – flavio.baumbach@gmail.com

<sup>5</sup>PROGRAU/UFPeI – valentina.rigon.machado@gmail.com

<sup>6</sup>FAUrb/UFPeI – amigodudu@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

A palavra cartografia remete a mapas. Para John Brian Harley (1991) o desejo de demonstrar o espaço através de mapas sempre esteve presente na mente humana. Tradicionalmente conhecemos mapas físicos (que representam as formas do território: topografia, rios, montanhas, etc.), políticos (que indicam a divisão administrativa de continentes, países, estados) e temáticos (que mostram elementos ou fenômenos específicos: mapa linguístico, religioso, climático, etc.). Os mapas como os conhecemos – porém – não representam todos os aspectos do território pois existem particularidades diversas difíceis de retratar na cartografia tradicional. O método cartográfico descrito por Deleuze e Guattari (1995) busca identificar estas particularidades dos diferentes aspectos presentes no território.

A produção de mapas é um dos procedimentos do projeto de pesquisa “Travessias na linha de fronteira Brasil - Urugua: controvérsias e mediações no espaço público de cidades-gêmeas”, que tem como objetivo geral investigar as diversas ocupações do espaço público da linha de fronteira entre Brasil e Urugua.

Na primeira etapa da pesquisa foi realizada uma viagem pela linha de fronteira Brasil - Urugua percorrendo as seis cidades-gêmeas: Chuí - Chuy, Jaguarão - Rio Branco, Aceguá - Aceguá, Santana do Livramento - Rivera, Quaraí - Artigas e Barra do Quaraí - Bella Unión. O mapeamento do momento de travessia buscou entender as diferentes percepções surgidas a partir da experiência de cada indivíduo-viajante a fim de complexificar o conceito homogêneo até então adotado como linha de fronteira e experimentar as heterogeneidades.

### 2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a cartografia urbana que segundo Rocha (2008) é uma forma exploratória das sensações, dos sentimentos e dos desejos que fluem e escorrem na cidade contemporânea. Os procedimentos metodológicos contemplam a entrevista cartográfica (com autoridades, moradores e turistas); a autofotografia; a geração de vídeos; e a produção de mapas cartográficos realizados pelos professores e estudantes viajantes (graduandos e mestrandos de arquitetura e urbanismo). Demonstramos aqui o processo de composição destes mapas.

Para apoio do mapeamento foram distribuídos aos viajantes os mapas dos eixos viários das 12 cidades estudadas e no momento da travessia da linha de

fronteira era possível escrever, anotar, desenhar e fotografar pontos de interesse conforme a percepção individual de cada um dos participantes (figura 01).

A pesquisa possui um enfoque qualitativo, não importando assim a quantidade de mapas gerados ou informações absorvidas, mas as experiências subjetivas. A análise dos mapas será realizada com a sobreposição das informações por cidades, cidades-gêmeas, países, temas, etc.

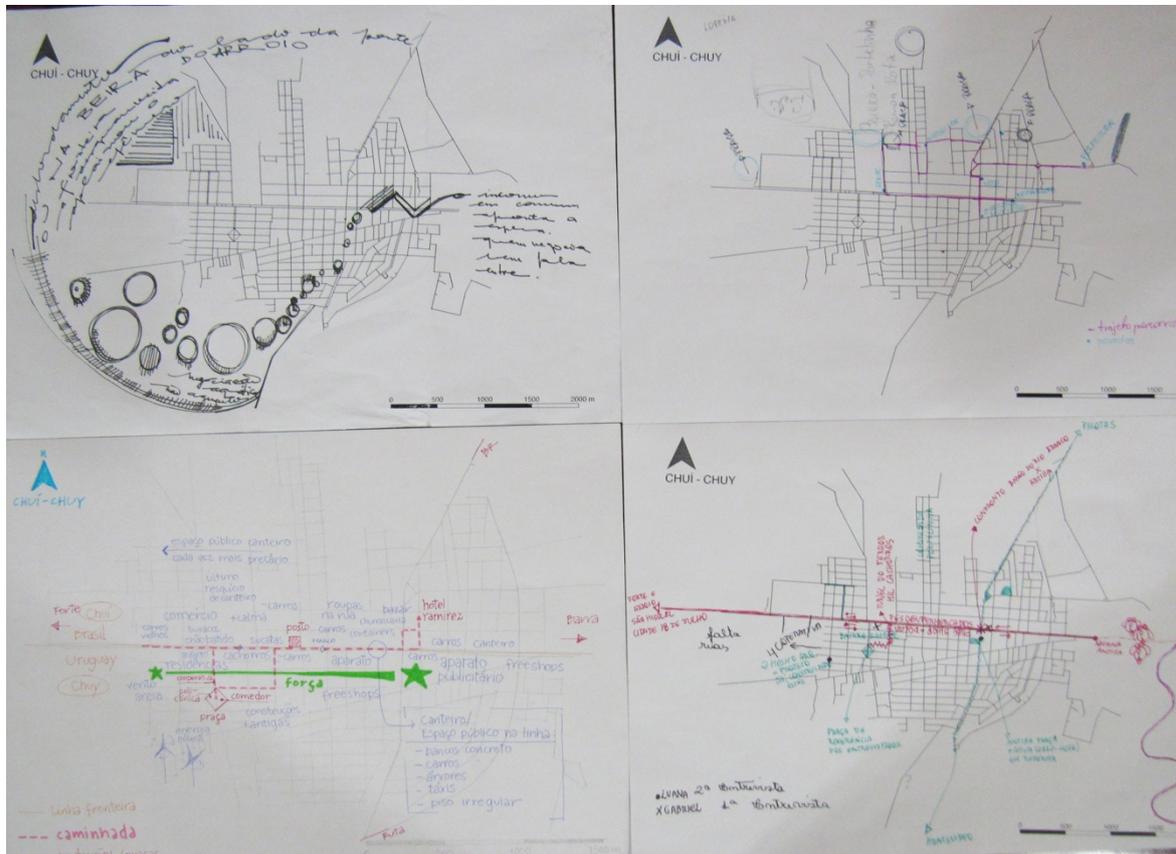


Figura 01: Mapeamento das cidades de Chuí - Chuy sobre o mapa base de eixos viários.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É necessária a sistematização dos materiais coletados durante a viagem, pois serão disponibilizados no site do projeto (<https://wp.ufpel.edu.br/travessias/>). Os mapas de apoio onde os viajantes puderam mapear diferentes produções de subjetividades servirão de suporte para a criação de novos mapas (escritos, fotográficos, de colagem, etc.).

Podemos – entretanto – estabelecer algumas relações entre as cidades fundamentado na sua morfologia. As cidades de fronteira seca: Chuí – Chuy, Aceguá – Aceguá e Santana do Livramento – Rivera, apresentam maior homogeneidade e coesão (cultural, estética, social, linguística, etc.) que as cidades de fronteira molhada: Jaguarão – Rio Branco, Quaraí – Artigas, Barra do Quaraí – Bella Unión. Nessas, os rios que as separam fortalecem a ideia de limite, barreira e divisa. Enquanto na fronteira seca a ideia de barreira se dissolve e dilui, nas fronteiras molhadas essa ideia se reforça.

O espaço público também apresenta coesão nas cidades de fronteira seca enquanto nas cidades de fronteira molhada percebe-se maior diferenciação neste aspecto. A linha divisória nas cidades de Chuí – Chuy, Aceguá – Aceguá e Santana do Livramento – Rivera é ocupada por elementos comuns às duas cidades (ainda

que diferentes no design e estética) em oposição a Jaguarão – Rio Branco, Quaraí – Artigas, Barra do Quaraí – Bella Unión, onde os elementos públicos urbanos (mobiliários, aparato publicitário, etc.) têm maior diferenciação.

Nas cidades de fronteira molhada também foram mapeadas as bordas adjacentes às pontes e observou-se significativa diferenciação com relação à ocupação destas áreas por parte das cidades brasileiras e uruguaias. Os rios destas cidades são classificados como rios de planície, caracterizados pelas grandes áreas dos seus leitos de inundação. Rios têm seu leito menor, por onde a água corre e circula; o leito maior, destinado ao aumento da capacidade hídrica dos rios, sem extravasamento; e o leito de inundação, áreas destinadas ao espraio das águas dos rios em períodos de grandes cheias. É aqui, no leito de inundação (várzea de inundação ou ainda planície de inundação) que ocorrem os maiores conflitos entre o habitar humano e as cheias naturais. Percebeu-se maior ocupação urbana das margens dos rios nas cidades brasileiras: ruas e casas construídas dentro do leito de inundação que sofrem com as enchentes no período das cheias. Nas bordas das cidades uruguaias, contudo, estes espaços foram destinados à construção de parques urbanos: áreas utilizadas como lazer e que em período de cheias são alagadas sem maiores prejuízos à população (figura 02).



Figura 02: Diferença na ocupação das bordas alagáveis do rio Quaraí nas cidades de Quaraí/BR e Artigas/UY. Fotos: Flavio Almansa Baumbach

Outro aspecto questionado é o enaltecimento e glorificação do internacional pelo aparato publicitário. Não o internacional vizinho (Brasil – Uruguay, Uruguay – Brasil) mas o internacional transoceânico: aquele que vem de longe. Afinal onde estamos? Nos perguntamos. Ainda que no Brasil ou Uruguay a referência vem do forasteiro, querendo afirmar que ali é território globalizado (figuras 03 e 04).

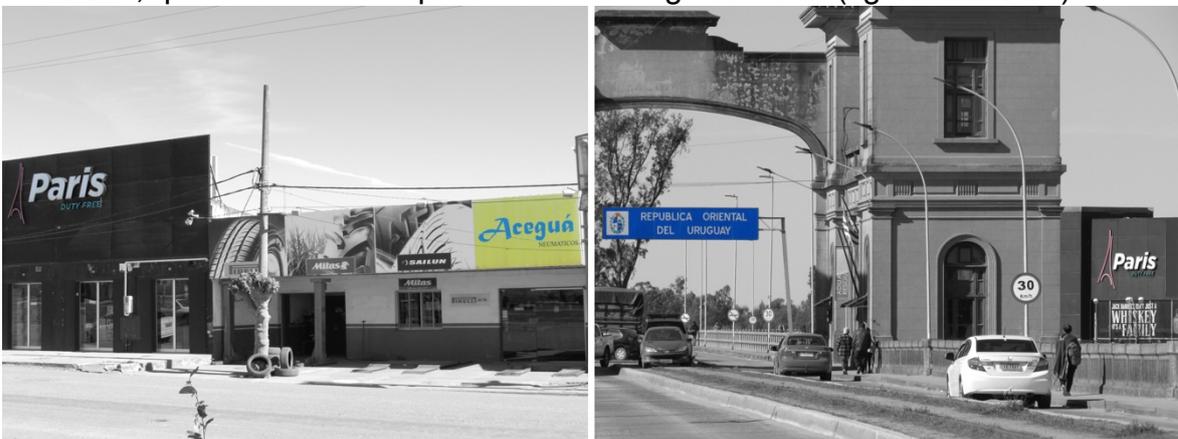


Figura 03: Aparato publicitário em referência à cidades globais.



Figura 04: Aparato publicitário em referência à cidades globais.

#### 4. CONCLUSÕES

A compreensão do espaço público da fronteira pelo método da cartografia urbana nos apresenta características específicas do território que a cartografia tradicional não nos indicaria. O espaço é formado pela sua morfologia e também pelas ações que se desenvolvem sobre este ambiente. Assim, a principal contribuição da pesquisa é o entendimento desse espaço na sua complexidade a partir da análise da sua multiplicidade, diferenciação e heterogeneidade, contribuindo para o desenvolvimento de ações e políticas públicas que visem a qualificação urbana destes espaços comuns aos dois países.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HARLEY, John B. **A nova história da cartografia**. *O Correio da UNESCO – Mapas e cartógrafos*. Edição em português, 19 (08). São Paulo: FGV, 1991.

ROCHA, Eduardo. Cartografias Urbanas. **Revista Projectare**, Pelotas, v.1, n.2, p. 163 – 173, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.